

# Reflexões etnográficas sobre o trabalho marítimo

## *Ethnographic Reflections on Maritime Work*

Tarik Dias Hamdan<sup>a</sup> 

SAMPSON, Helen. *Sea-Time: An Ethnographic Adventure*. Abingdon, Oxon; New York: Routledge, 2024.

O livro “Sea Time”, lançado em 2024, é fruto de uma etnografia baseada em cerca de 25 anos de pesquisas em navios cargueiros. Escrito por Helen Sampson, professora renomada por seus trabalhos nos campos da antropologia do trabalho e com trabalhadores marítimos, a obra é uma continuidade de seu trabalho publicado em português em 2019 com o nome de “Trabalhadores Marítimos Internacionais e Transnacionalismo no Século XXI”. Nele, Sampson já havia abordado questões ligadas ao espaço e à migração dos trabalhadores no livro (Sampson, 2019).

Neste novo livro, a autora explora como a vida e o trabalho dos marinheiros mudaram ao longo do tempo, sobretudo nas últimas décadas, tendo em vista as transformações na regulação da indústria naval e o aumento da inovação tecnológica. Em especial, a mudança e a experiência do tempo são temas centrais, observados à luz dos fatores previamente mencionados.

Além disso, o livro fornece uma visão detalhada dos bastidores da realização da pesquisa, tornando-se uma excelente fonte para aqueles interessados em trabalho marítimo, bem como para os que desejam aprender mais sobre como conduzir uma etnografia de qualidade e enfrentar as dificuldades do trabalho de campo. Em especial, por se tratar de uma indústria moldada por processos de reestruturação ao nível transnacional, o trabalho pode ser entendido dentro do gênero da etnografia global, ou seja, de uma etnografia que, através de um trabalho de observação participante – por definição, realizado localmente –, procura captar processos e transformações multi-escalares (Burawoy, 2018).

Além da introdução e da conclusão, o livro está organizado em dez capítulos. Os primeiros seis acompanham a inserção da pesquisadora em um navio que

---

a Doutorando em Sociologia no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPG-SA/UFRJ).

representa o principal “cenário” da maior parte do livro, chamado *Beluga*, embora o relato seja complementado com etnografias realizadas em outras embarcações. Assim, o leitor tem a oportunidade de acompanhar desde a preparação da autora para ingressar no navio até os desafios de inserção no mundo dos trabalhadores marítimos.

Além das dificuldades usuais de um trabalho de campo, dois elementos são destacados ao longo da narrativa: primeiro, a relação hierárquica no navio, em que, devido ao fato de o capitão ocupar a posição de maior autoridade, tanto os trabalhadores quanto a pesquisadora se sentem oprimidos pela sua intransigência. Segundo, a questão do gênero, indicativa das dificuldades inerentes à inserção de uma pesquisadora mulher em um mundo predominantemente masculino. Nesse sentido, é pertinente observar o contraste entre o estudo de campo realizado por Sampson e a descrição usualmente apresentada pela sociologia acerca das transformações no mundo trabalho ocorridas no final da década de 1980. Enquanto grande parte da literatura destaca o fim de regimes de trabalho caracterizados pela hierarquia, a transição para formas mais flexíveis e a crescente inserção das mulheres nos ambientes laborais, a autora descreve um cenário aparentemente imune a essas mudanças (Piore; Sabel, 1986).

O restante do livro é organizado de maneira mais temática. Dessa maneira, o capítulo sete considera a questão do tempo no mar de forma mais ampla, discutindo as maneiras pelas quais o tempo é marcado, passado e experienciado. No capítulo oito, são abordadas as questões de gênero, tendo em vista o pequeno número de marinheiras que trabalham na indústria e o fato de que, em vinte anos, pouco se alterou. No capítulo nove, Sampson destaca como as mudanças regulatórias e tecnológicas alteraram a vida dos trabalhadores, produzindo uma sensação de perda de autonomia. Finalmente, o capítulo dez ressalta a situação dos trabalhadores durante a Covid-19, quando, para cumprir as exigências sanitárias, o bem-estar dos trabalhadores foi deixado de lado. A seguir, apresento uma breve análise dos temas centrais abordados no livro e mencionados neste parágrafo.

No que tange à questão da experiência do tempo, Sampson mobiliza as noções marxianas de valor de troca e valor de uso para entender a vivência temporal dos trabalhadores. O valor de troca representa a venda do tempo de trabalho em troca de salários, que ocorre predominantemente nas embarcações, mas também parcialmente quando os navios estão atracados. Por outro lado, o valor de uso refere-se ao tempo que os indivíduos dedicam a si mesmos, caracterizado pela fruição, que ocorre exclusivamente fora das embarcações, quando os navios atracam nos portos e os trabalhadores têm a oportunidade de desfrutar de

relações sociais nas cidades que visitam e, entre um contrato de trabalho e outro, de passar tempo com a família e amigos.

Sampson relata a luta dos marinheiros pela extensão do tempo destinado ao valor de uso, que se daria principalmente quando o navio atraca nos portos. Antes dos anos 1990, os marinheiros podiam desfrutar de períodos em terra, longe do confinamento do navio e das restrições impostas por seus supervisores. Hoje, em contraste, os navios permanecem o mínimo de tempo possível nos portos e, quando atracam, são tão isolados que os marinheiros desfrutam de pouco tempo significativo em terra. Além disso, as empresas vêm aumentando a duração dos contratos, e os trabalhadores os aceitam por temerem não encontrar trabalho futuramente.

Nesse contexto, os trabalhadores vivenciam seus longos contratos como um sacrifício de seu tempo e de suas vidas. Na visão dos trabalhadores, além de representar tempo de vida vendido a serviço de outrem (a empresa), implica um distanciamento crescente de suas origens sociais, como família e amigos, o que produz uma sensação de estranhamento e não pertencimento quando retornam para casa. Nesse sentido, a vida embarcada é vivida como marcada pela sensação de esvaziamento e quando retornam, pela sensação de desencaixe com seus pares.

Mesmo assim, a autora também destaca a agência dos trabalhadores na elaboração de estratégias contra a monotonia do tempo de trabalho vendido para a empresa e para o preenchimento de sentido que é constantemente retirado pelas tarefas impostas. Nesse sentido, fazem parte das atividades dos trabalhadores rituais como brincadeiras, piadas ou intervalos para descontrair. Ainda, de forma contraintuitiva, alguns marinheiros também passavam o tempo se entretendo com trabalhos mais estimulantes, que, na visão de Sampson, eram aqueles que preservam a autonomia do trabalhador. A abordagem que busca analisar como os trabalhadores lutam para conferir sentido ao processo de trabalho remete às correntes teóricas que valorizam a subjetividade dos trabalhadores. Em especial, destaca-se a influência das abordagens Thompsonianas, bem como os estudos de Burawoy (2012) e sua noção de “jogo”. Esta última se refere à maneira como os trabalhadores preenchem a monotonia do tempo de trabalho taylorista, criando margens de liberdade em suas ocupações por meio do estabelecimento de regras informais com seus colegas, desafiando assim as normas impostas pela gerência.

Sampson também aborda a questão das trabalhadoras mulheres dentro das embarcações. Segundo a autora, as mulheres são frequentemente marginalizadas em diversas esferas da vida social a bordo. Diferentemente de outras profissões, a proporção de homens e mulheres nos navios não mudou significativamente nos últimos 25 anos, permanecendo amplamente desigual. Como consequência, há

uma total falta de provisões adequadas para as necessidades femininas, como a ausência de mecanismos apropriados para a compra e o descarte de absorventes e outros itens sanitários.

Para a autora, as embarcações ainda são dominadas por atitudes profundamente conservadoras por parte dos marinheiros, que marginalizam as mulheres e perpetuam um *ethos* masculino em todo o setor. Isso resulta em muitas mulheres tendo experiências negativas ao trabalhar no mar, levando algumas a abandonar a carreira no início de suas trajetórias. Embora a cultura conservadora tenha origem fora dos navios, Sampson destaca como as embarcações criam um ambiente institucionalizado dominado por homens, permitindo uma expressão de misoginia e sexismo mais aberta do que aquela que seria tolerada em outros locais de trabalho.

Essa cultura masculina inclui determinados ritos de iniciação para os jovens marinheiros, como relações sexuais com prostitutas e a prática recorrente de assistir a filmes pornográficos em espaços públicos, como as salas de confraternização da tripulação. Nos anos recentes, as empresas têm adotado medidas para tornar o ambiente de trabalho mais profissional, introduzindo políticas de anti-assédio e antibullying. No entanto, o ambiente ainda permanece extremamente desafiador para as mulheres, que enfrentam dificuldades em afirmar-se em seus cargos e em ser promovidas.

No que tange à dimensão regulatória e tecnológica do setor, Sampson destaca como essas mudanças afetaram diretamente os trabalhadores, resultando em maior vigilância e controle rigoroso do navio e de sua tripulação. Uma das consequências foi a diminuição do sentimento de autonomia em relação às tarefas a bordo. A autora ressalta que, nas últimas décadas, uma série de regulamentações patrocinadas pela Organização Marítima Internacional (OMI) passam a ser aplicada tanto aos países considerados “estados de bandeira” quanto pelos “estados portuários”. Os primeiros são os países em que os navios são registrados (ou bandeirados) e os segundos os estados nos portos em que os navios atracam.

Sampson descreve que as inúmeras regulações implementadas visaram, sobretudo, padronizar e melhorar as condições de transporte de cargas, representando um fardo adicional para os trabalhadores, que passaram a ser pressionados por suas empresas para cumprir um vasto conjunto de regras. Isso fazia com que a empresa pressionasse o capitão do navio, que, por sua vez, pressionava seus subordinados, aumentando a sensação de hierarquia dentro dos navios. Caso as regras não fossem cumpridas, a punição recaía, na maior parte das vezes, sobre o capitão, e não sobre a empresa, resultando em multas ou até demissão. Para a

autora, de maneira geral, a hipertrofia das regulações expropriou grande parte do saber-fazer dos trabalhadores, substituindo-os por regras impostas pelas empresas.

Em relação à tecnologia, Sampson afirma que é incontestável que a navegação foi transformada por uma série de inovações e desenvolvimentos notáveis, especialmente em relação à tecnologia de comunicações. No entanto, essa tecnologia também aumentou a vigilância e minou a autonomia profissional a bordo. À medida que o GPS passou a ser amplamente utilizado para a navegação, ele também proporcionou a base para uma nova forma de comunicação a ser usada em emergências. Isso teve implicações semelhantes ao aumento das regulações, minando a autonomia a que os trabalhadores estavam acostumados e submetendo-os ao monitoramento e escrutínio rigorosos por parte dos gerentes em terra. Novamente, é evidente a discrepância entre o que é comumente abordado nos estudos sobre o trabalho e o que Sampson descreve. Enquanto a literatura tradicional sugere a transição para formas de trabalho mais autônomas sob a égide do modelo flexível ou toyotista (Coriat, 1994), a autora destaca que princípios associados ao taylorismo, como o controle exercido por uma gerência científica, expropriação do saber e diminuição da autonomia, ainda podem ser observados no setor naval (Braverman, 1978).

Sampson também destaca que, nas últimas décadas, o setor marítimo foi caracterizado por um aumento na competição entre as empresas, o que, conseqüentemente, piorou as condições de moradia e recreação dos trabalhadores embarcados. Essa situação dramática se intensificou com a pandemia da Covid-19, quando muitos navios foram impedidos de atracar e os trabalhadores a bordo foram proibidos de desembarcar e interagir nas cidades visitadas. Embora algumas medidas tenham sido adotadas pelas empresas para mitigar essa situação, elas foram insuficientes diante da magnitude do problema.

Concluo esta resenha destacando alguns pontos positivos que justificam a leitura do livro. Primeiramente, como mencionado no início, a autora realiza um excelente trabalho etnográfico, servindo como um guia exemplar para todos os entusiastas dessa abordagem. Além da descrição detalhada fornecida pela autora, ela se esforça constantemente para situar o papel da pesquisadora em relação aos demais, considerando como idade, gênero e posição social são fatores constitutivos do trabalho etnográfico.

Ademais, Sampson foca em um setor que tem sido profundamente afetado por intensas mudanças decorrentes da globalização, como o aumento da concorrência, das regulamentações internacionais e do uso da tecnologia. Compreender como essas transformações impactaram essa fração da classe trabalhadora é funda-

mental para os estudiosos do trabalho, pois pode iluminar tendências gerais em diversos outros campos.

#### **BIBLIOGRAFIA:**

- BRAVERMAN, Harry (1978). Capital monopolista. Em: *Trabalho e Capital Monopolista: A Degradação do Trabalho no Século XX*. 3ª edição ed. Rio de Janeiro: LTC, 1978.
- BURAWOY, Michael (2008). Procurando pelo global. *Novos Rumos Sociológicos*, v. 6, n. 9, p. 12–73.
- BURAWOY, Michael (2012). *Manufacturing Consent: Changes in the Labor Process Under Monopoly Capitalism*. University of Chicago Press.
- CORIAT, Benjamin (1994). *Pensar Pelo Averso*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ.
- THOMPSON, Edward. Palmer (2012). *A formação da classe operária inglesa*. Paz & Terra.
- PIORE, Michael.; SABEL, Charles (1986). *The second industrial divide: possibilities for prosperity*. New York: Basic Books.
- SAMPSON, Helen (2019). *Trabalhadores marítimos internacionais e transnacionalismo no século XXI*. São Paulo: Editora da Unicamp.